

FICHA TÉCNICA

Título: *Predator's Gold*

Autor: *Philip Reeve*

Copyright © Philip Reeve, 2003

Tradução: © Editorial Presença, Lisboa, 2004

Tradução: *Inês Aboim Borges*

Ilustração da capa: *Ian McQue*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.^a edição, Lisboa, junho, 2004

2.^a edição, Lisboa, novembro, 2018

Depósito legal n.º 211 709/04

Reservados todos os direitos
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 BARCARENA

info@presenca.pt

www.presenca.pt

O NORTE GELADO

Freya acordou cedo e deixou-se ficar deitada na escuridão, sentindo por baixo a sua metrópole a tremer e a balançar enquanto os potentes motores a faziam deslizar pelo gelo. Ainda sonolenta, esperou que os criados a viessem ajudar a levantar-se da cama. Até que após alguns segundos se lembrou de que tinham todos morrido.

Atirou os cobertores com os pés, acendeu os candeeiros de árgon e encaminhou-se para a casa de banho abrindo caminho por entre as pilhas empoeiradas de roupas velhas que estavam espalhadas pelo chão. Há já várias semanas que andava a ganhar coragem para tomar um duche mas naquela manhã foi mais uma vez vencida pelos complicados comandos daquele chuveiro, ou seja, não conseguiu fazer com que saísse água quente. Por fim, voltou a encher como de costume o lava-tório e lavou a cara e o pescoço. Ainda havia um resto de sabonete e aproveitou para esfregar o cabelo e de seguida mergulhou a cabeça na água. Os seus criados de quarto teriam usado champô, cremes, bálsamos, amaciadores e todo o tipo de óleos aromáticos mas infelizmente estavam todos mortos e ela sentia-se intimidada pelas várias prateleiras de frascos dispostos no armário da casa de banho. E ao ver-se confrontada com uma escolha tão vasta, preferiu não usar nenhum.

Pelo menos, tinha conseguido aprender a vestir-se sem ajuda. Agarrou num dos seus vestidos amarrados que estava no chão, pô-lo em cima da cama e enfiou-o pela cabeça abaixo enquanto lá por dentro lutava até conseguir enfiar os braços e a cabeça nos buracos certos. O colete comprido com cós de pelo que vestiu por cima já foi mais fácil de vestir embora tivesse tido um certo trabalho com os botões. As suas criadas apertavam-lhe sempre os botões de forma muito

rápida e fácil à medida que iam conversando e rindo do dia que as esperava e nunca se enganavam a apertá-los. Mas também elas tinham morrido.

Freya praguejou durante uns quinze minutos enquanto se penteava desajeitadamente com uma certa força e por fim, observou atentamente o resultado no seu espelho coberto de teias de aranha. *Nada mal*, pensou, tendo em conta o resto. Talvez umas joias a favorecessem. Mas quando foi à Câmara das Joias, percebeu que a maior parte das boas peças tinha desaparecido. Ultimamente tudo desaparecia. Freya não conseguia sequer imaginar onde poderiam ter ido parar. De qualquer forma, ela não precisava de colocar uma tiara no cabelo peganhento, lavado com sabonete, nem de pôr um colar de âmbar e ouro à volta do pescoço nojento. É claro que a mãe não iria aprovar o facto de ela estar sem joias, mas a mãe também tinha morrido.

Nos corredores silenciosos e vazios do palácio, a camada de pó ia-se acumulando como se fosse neve. Chamou um pajem e enquanto esperava por ele, ficou a olhar pela janela. Lá fora, o crepúsculo sombrio, ártico, apresentava uma tonalidade acinzentada nos telhados gelados da sua metrópole. Na subdivisão das máquinas, o chão tremia com o movimento das rodas dentadas e dos pistões, mas aqui em cima, sentia-se pouco a trepidação. Estavam a atravessar os Glaciares Superiores, o norte dos nortes onde não havia qualquer tipo de elevações, apenas uma planície branca que brilhava suavemente com o reflexo do céu.

O pajem chegou endireitando a cabeleira coberta de pó.

— Bom dia, Smew — cumprimentou ela.

— Bom dia, Vossa Resplandecência.

Por momentos, sentiu uma súbita vontade de pedir a Smew que a acompanhasse aos seus aposentos para lhe pedir que fizesse qualquer coisa para acabar com todo aquele pó, com as roupas espalhadas pelo chão e com as joias desaparecidas. E para lhe mostrar como é que o chuveiro funcionava. Mas ele era um homem e seria uma quebra impensável da tradição, deixar entrar um homem nos aposentos da Margravine. Em vez disso, limitou-se a dizer o que dizia todas as manhãs:

— Acompanha-me à sala do Dejejum, Smew.

Enquanto desciam no elevador para o andar inferior, Freya começou a imaginar a sua metrópole a atravessar rapidamente a camada de gelo como se fosse uma barata negra a rastejar sobre um enorme prato branco. A pergunta mantinha-se, para onde se dirigiam? Era exatamente

isso que Smew desejava saber. Era visível no seu rosto pela forma inquisidora com que insistentemente a observava. O Comité de Navegação também o deveria querer saber. Estava na altura de parar de fugir dos predadores famintos e tinha chegado o momento de Freya decidir qual iria ser o futuro da sua metrópole. Durante milhares de anos o povo de Anchorage tinha deixado ao cuidado da Casa de Rasmussen a tomada de tais decisões. Afinal de contas, as mulheres de Rasmussen eram especiais. Não tinham sido elas a governar Anchorage após a Guerra dos Sessenta Minutos? Não tinham os Deuses Gelados falado com elas durante os seus sonhos, dizendo-lhes para onde é que a Metrópole deveria seguir de forma a encontrar bons parceiros mercantis e a evitar as armadilhas do gelo e os predadores?

Mas Freya era a última descendente da sua linhagem e os Deuses Gelados não tinham falado com ela. Hoje em dia, já quase ninguém falava com ela e quando o faziam era para lhe perguntarem da forma mais educada possível, qual a rota que tencionava seguir. *Porque é que me perguntam a mim?* Era o que lhe apetecia responder. *Sou apenas uma miúda! Nem queria ser Margravine!* Mas não havia mais ninguém a quem pudessem perguntar.

Pelo menos esta manhã, Freya teria uma resposta para lhes dar. Só não tinha a certeza se iriam gostar dela.

Tomou o pequeno-almoço sozinha, sentada numa enorme cadeira preta de costas altas a uma mesa comprida igualmente preta. O barulho da faca no prato e da colher na chávena pareciam-lhe ensurdecedoramente altos no meio daquele silêncio. Nas paredes sombrias, os quadros dos seus divinos antepassados observavam-na com um ar levemente impaciente como se também eles estivessem à espera de que ela decidisse qual seria o destino a seguir.

— Não se preocupem — disse-lhes. — Já me decidi.

Quando terminou o pequeno-almoço entrou o camareiro.

— Bom dia, Smew.

— Bom dia, Luz dos Campos Gelados. O Comité de Navegação aguarda o prazer da companhia de Sua Resplandecência.

Freya acenou afirmativamente com a cabeça e o camareiro abriu a porta da sala de Dejejum para o Comité entrar. Antigamente eram vinte e três, agora resumiam-se apenas a Mr. Scabious e à Menina Pye.

Windolene Pye era uma mulher de meia-idade, alta e simples com o cabelo puxado para cima, preso num coque, o que dava a impressão de que ela andava com um bolo de noiva no alto da cabeça. Tinha sido secretária do falecido diretor de navegação e parecia compreender

os mapas e tabelas razoavelmente bem, mas na presença da sua Margravine ficava bastante nervosa e desfazia-se em pequenas medidas só pelo simples facto de Freya espirrar.

Já o seu colega Søren Scabious era bastante diferente. Desde que a Metrópole se tinha tornado móvel que todos na sua família se tinham tornado Mestres de Máquinas e para além disso, era a única pessoa que Freya considerava mais dentro do seu género. Se tudo tivesse corrido como habitualmente, ela casar-se-ia no próximo verão com o filho dele, Axel. Era normal a Margravine aceitar um homem vindo da subdivisão das máquinas para seu consorte de forma a manter as classes de máquinas satisfeitas. Mas já nada corria normalmente e Axel tinha morrido. Lá no fundo, Freya tinha ficado feliz por Scabious já não ser seu sogro. Era um velho demasiado severo, triste e calado. As suas vestes negras enlutadas fundiam-se com a escuridão da sala do Dejejum como que a camuflá-lo, mostrando o seu rosto suspenso no meio das sombras como uma máscara branca de morte e como se não tivesse corpo.

— Bom dia, Vossa Resplandecência — cumprimentou ele, fazendo uma vénia muito rígida enquanto ao seu lado, a Menina Pye se desfazia em medidas, saltitando muito corada com o nervosismo.

— Qual é a nossa posição? — perguntou Freya.

— Ah, Vossa Resplandecência, estamos a cerca de duzentas milhas a norte das Montanhas Tannhäuser — disse rapidamente a Menina Pye. — Estamos em pleno mar gelado e não avistámos mais nenhuma metrópole.

— O sector das máquinas aguarda as suas instruções, Luz dos Campos Gelados — continuou Scabious. — Deseja voltar para oriente?

— Não! — estremeceu Freya ao lembrar-se de como no passado quase tinham sido devorados. Se voltassem para ocidente ou rumassem para sul de forma a seguirem as margens do glaciário, os Predadores de Arkangel certamente o viriam a descobrir e com a tripulação reduzida ao mínimo para conseguir manobrar os motores, Freya estava quase certa de que a sua metrópole não conseguiria fugir novamente do grande predador.

— Talvez devêssemos tentar o ocidente, Vossa Resplandecência? — sugeriu nervosamente a Menina Pye. — Existem ao longo da margem oriental da Gronelândia, algumas pequenas Metrôpoles que sobreviveram ao inverno. Talvez consigamos fazer algum comércio.

— Não — respondeu Freya com firmeza.

— Então, talvez Vossa Resplandecência tenha algum outro destino em mente? — perguntou Scabious. — Terão os Deuses Gelados falado convosco?

Freya acenou solenemente com a cabeça. De facto, a ideia que ela tinha tido já andava a fermentar na sua cabeça há cerca de um mês e ela achava que não tinha vindo de deus nenhum. Era a única forma possível que ela tinha conseguido encontrar para manter a sua metrópole livre para sempre de predadores, de pestes e de dirigíveis espiões.

— Marque a rota para o Continente Morto — disse ela. — Vamos voltar para casa.

HESTER E TOM

Hester Shaw estava a começar a habituar-se a ser feliz. Após todos aqueles anos lamacentos e famintos a viver nas fossas e nas cidades necrófagas do Grande Terreno de Caça, ela tinha finalmente encontrado o seu lugar no mundo. Tinha o seu próprio dirigível, o *Jenny Haniver* (e esticando o pescoço conseguia ver a curvatura superior do balão de seda vermelha por trás do cargueiro de especiarias no cais dezassete) e tinha Tom. Gentil, bonito e inteligente, que ela amava verdadeiramente, e que, apesar de tudo, parecia também amá-la.

Durante muito tempo achou que aquela relação não iria durar. Eram demasiado diferentes e Hester não era propriamente a beleza em pessoa. Um autêntico espantalho de rapariga, muito alta e desleigante com o cabelo acobreado dividido em duas tranças muito apertadas, o rosto cortado ao meio por um antigo golpe de espada que lhe tinha roubado um olho e grande parte do nariz e que lhe tinha deixado a boca com uma expressão sarcástica e desdentada. *Não vai durar*, dizia para consigo própria enquanto esperavam na Ilha Negra que os construtores navais acabassem de arranjar o pobre *Jenny Haniver*. *Ele só está comigo por pena*, compreendeu enquanto voavam sobre África e atravessavam a América do Sul. *O que será que ele vê em mim?* Pensava para consigo enquanto enriqueciam a transportar abastecimentos para as grandes metrópoles da Antártida perfuradoras de petróleo voltando logo de seguida a empobrecer ao terem de deitar a carga toda pela borda fora sobre a *Tierra del Fuego* para conseguirem fugir aos piratas do ar. Ao regressarem pelo Atlântico azul com uma coluna de dirigíveis mercantes ela sussurrava para si mesma, *É impossível que isto dure*.

E no entanto, tinha durado. E já durava há mais de dois anos. Hester deu por si sentada sob o sol de setembro na varanda do Crumple Zone, um dos vários cafés de Airhaven High Street, a pensar que se calhar ia durar para sempre. Apertou a mão de Tom por baixo da mesa e sorriu com aquele seu sorriso distorcido e ele olhou para ela com o mesmo amor com que ela o tinha beijado pela primeira vez sob a trémula luz da MEDUSA na noite em que Londres tinha morrido.

Durante aquele outono, Airhaven tinha rumado para norte e agora pairava a alguns milhares de metros da Frost Barrens, enquanto algumas pequenas cidades necrófagas que durante os meses do sol da meia-noite tinham andado no gelo, se aglomeravam por baixo para negociar. Balão atrás de balão iam surgindo para atracar nos atracadouros do porto-livre aéreo, escoando negociantes de Tecnologia Antiga que, mal as suas botas tocavam nas leves placas do convés, começavam logo a apregoar os seus produtos. O Norte Gelado era um excelente terreno de caça para os vasculhadores de tecnologia perdida, que por sua vez vendiam partes de Caçadores, acumuladores de armas Tesla, pontas e bocados de mecanismos sem nome deixados por meia dúzia de civilizações diferentes e até partes de uma Antiga máquina voadora que tinha permanecido intacta nos Glaciares Superiores desde a Guerra dos Sessenta Minutos.

Por baixo deles, Frost Barrens estendia-se ao longo da neblina para sul, oriente e ocidente. Era um território frio e gélido onde os Deuses Gelados governavam oito meses por ano e onde pedaços de neve se acumulavam já nos sombrios fundos das zigzagueadas lagartas das metrópoles. A norte elevava-se a negra parede de basalto das Montanhas Tannhäuser, a cadeia de vulcões que marcava o limite norte do Grande Terreno de Caça. Alguns expeliam as suas espirais de fumo cinzento como pilares a sustentarem o céu. E, no meio, através de um ténue véu de cinzas, Hester e Tom conseguiam vislumbrar na imensidão branca dos Desertos Gelados algo que se aproximava com um aspeto enorme, sujo e implacável como uma montanha tresmalhada.

Hester tirou o telescópio de um dos bolsos do casaco e colocou-o no olho girando o foco até que a imagem desfocada se tornasse nítida. Estava a olhar para uma metrópole com oito plataformas de fábricas, barracões de escravos, chaminés obscenas a cuspirem fumo, uma escolta aérea que deixava rasto, dirigíveis parasitas a peneirar o fumo dos escapes em busca de resíduos minerais e, mais abaixo, gigantescas rodas que giravam através de véus de neve e de rochedos pulverizados.

— Arkangel!

Tom arrancou-lhe o telescópio.

— Tens razão. Costuma seguir para o sopé no extremo norte das Tannhäusers no verão, devorando as cidades necrófagas à medida que vão passando. A camada de gelo polar é mais grossa agora do que antigamente mas continuam a existir zonas demasiado finas para comportarem o peso de Arkangel até ao final do verão.

Hester riu-se.

— Sabichão.

— É mais forte que eu — respondeu Tom. — Fui Aprendiz de História, lembra-te? Tínhamos de memorizar uma lista das Maiores Metrópoles de Tração do Mundo e Arkangel era uma das primeiras, por isso é natural que não me esqueça.

— Exibicionista! — resmungou Hester. — Só gostava que fosse Zimbra ou Xanne-Sandansky. Já não farias um ar tão entendido.

Tom continuava a espreitar pelo telescópio.

— Um dia destes, vai subir as lagartas, baixar as lâminas de ferro e esquiar por aí fora em busca de metrópoles de gelo e de cidades necrófagas Gelófilas para devorar...

Para já, Arkangel parecia dedicar-se apenas a negociar. Era demasiado grande para se içar pelas passagens estreitas das Tannhäusers mas os dirigíveis levantaram das suas docas e voaram para sul através da neblina em direção a Airhaven. O primeiro fez um arrogante cortamato através do turbilhão de balões que rodeavam a cidade flutuante e seguiu em voo picado direito ao atracadouro da plataforma seis, mesmo por baixo do poleiro de Tom e Hester que sentiram uma suave vibração quando as garras de atracação se prenderam ao desembarcadorio. Era um dirigível esguio de ataque e de curto alcance, com um lobo vermelho pintado no seu balão negro e o nome escrito em letras góticas: *Clear Air Turbulence*.

Os homens saíram da barquinha blindada com um ar arrogante caminhando pesadamente pelo desembarcadouro, subindo em seguida as escadarias que iam dar a High Street. Eram homens imponentes, corpulentos com mantos e chapéus de pele e por baixo das túnicas tinham um resguardo cintilante de cota de malha. Um deles usava um capacete de aço de onde saíam duas enormes campânulas reluzentes feitas de gramofones. Um fio elétrico ligava o capacete a um microfone de metal preso com grampos ao pulso de outro homem, cuja voz amplificada trovejava por Airhaven à medida que ele ia subindo as escadas.

— Saudações, aereolinguianos! Saudações do Grande Arkangel, Martelo dos Glaciares Superiores, Flagelo do Norte, Devorador do Estático Spitzbergen! Temos ouro para trocar por todas as informações que nos possam dar sobre localizações de metrópoles geladas! Trinta soberanos por uma informação que nos leve a uma captura!

Começou a abrir caminho por entre as mesas da Crumple Zone ainda a apregoar a sua oferta enquanto à sua volta, os aviadores abanavam a cabeça com um olhar carrancudo e voltavam o rosto. Agora que havia tão poucas presas, por todos os lados surgiam grandes predadores a oferecerem recompensas àqueles que as encontrassem mas eram poucos os que as bradavam aos sete ventos. Os mercadores aéreos honestos começavam a recear que brevemente fossem banidos das metrópoles geladas mais pequenas. Mas que Presidente da Câmara arriscaria autorizar a atracção de um dirigível que poderia levantar voo no dia seguinte e vender a sua rota a algum grande e ganancioso *urbívoro* como Arkangel? Contudo havia sempre outros tais como, ladrões, semipiratas e mercadores cujos dirigíveis não proporcionavam os lucros esperados mas que estavam prontos a aceitar a fortuna do predador.

— Quem tiver negociado este verão a bordo do Kivitoo, do Breidhavig ou do Anchorage que venha ter comigo ao Balão ou à Barquinha e vão ficar a saber onde é que eles planeiam passar o inverno! — insistiu o recém-chegado. Era um jovem com ar de estúpido, rico e bem alimentado. — Trinta em ouro, meus amigos. O suficiente para manterem os vossos dirigíveis e balões com combustível e gás durante um ano.

— Aquele é Piotr Masgard — Hester ouviu uma aviadora Dinka comentar com os amigos numa das mesas ao lado da sua. — É o filho mais novo do Diretor do Arkangel. Chama ao bando que o acompanha os Predadores. E não são para brincadeiras. Ouvi dizer que aterram o dirigível em pequenas cidades pacíficas que são demasiado rápidas para que Arkangel as consiga apanhar e depois obrigam-nas a parar ou a dar a volta, ameaçando-as com espadas, a rumarem direitos às mandíbulas de Arkangel!

— Mas isso não é justo! — gritou Tom, que também tinha estado a ouvir a conversa mas infelizmente as suas palavras soaram mais alto num dos momentos em que Masgard interrompia o discurso. O Predador voltou o seu grande rosto, indolente e bonito e sorriu para Tom.

— Não é justo, aereolinguiano? O que é que não é justo? Este é um mundo de cidades que se comem umas às outras, não sabias?

Hester fez um ar tenso. Uma das coisas que nunca tinha compreendido acerca de Tom era por que razão ele achava que tudo tinha de ser justo. Supôs que fosse devido à educação que ele tinha recebido. Uns anos a viver com as suas crenças numa cidade necrófaga tê-lo-iam mudado imediatamente, mas ele tinha crescido com todas aquelas regras e costumes do Grémio dos Historiadores, de modo a manter a vida real à distância, mesmo apesar do que entretanto tinha visto, ainda se conseguia chocar facilmente com pessoas como Masgard.

— Só estou a querer dizer que é contra todas as regras do Darwinismo Municipal — explicou Tom, olhando para o homem enorme. Levantou-se mas percebeu que continuava a olhar para cima, pois o Predador era uma torre com pelo menos mais trinta centímetros do que ele. — As cidades mais rápidas comem as mais vagarosas e as mais fortes comem as mais fracas. É assim que é suposto funcionar, tal como na natureza. Oferecer recompensas a quem as encontre e raptar presas contraria o equilíbrio. — Continuou como se Masgard não passasse de um opositor na Sociedade de Debate dos Aprendizes de Historiadores.

Masgard abriu ainda mais o sorriso. Atirou o manto para o lado e desembainhou a espada. Ouviram-se exclamações assustadas, gritos e um barulho de cadeiras a caírem ao chão enquanto todos os que estavam nas imediações tentavam afastar-se o mais possível. Hester agarrou Tom e começou a puxá-lo enquanto mantinha o olhar na espada reluzente.

— Tom, seu idiota, para com isso!

Masgard olhou para ela, soltou uma gargalhada ruidosa e voltou a embainhar a espada.

— Olhem! O aereolinguiano tem uma linda amiguinha para o proteger!

A sua tripulação também se riu e Hester corou às manchas agarrando na sua velha echarpe vermelha para esconder o rosto.

— Vem ter comigo mais tarde, querida! — gritou Masgard. — Estou sempre disponível para uma beldade! E lembra-te, se tiveres a rota de alguma cidade para me vender, dou-te trinta soberanos em ouro! Assim já podes comprar um nariz novo!

— Lembrar-me-ei — prometeu Hester empurrando rapidamente Tom dali para fora. A fúria percorria-a como um corvo aprisionado. Apetecia-lhe voltar atrás e lutar. Ela tinha quase a certeza de que Masgard não sabia usar aquela espada de que tanto se orgulhava... Mas a parte vingativa, obscura e assassina dela era algo que ultimamente tentava manter escondida, por isso, contentou-se em fazer deslizar

a sua faca e cortou silenciosamente o fio do microfone de Masgard quando passou por ele. A próxima vez que tentasse anunciar alguma coisa, seria ele o motivo da chacota.

— Desculpa — disse Tom timidamente enquanto corriam em direção ao atracadouro que estava agora atolado de mercadores e de visitantes acabados de chegar de Arkangel — não foi de propósito... Eu apenas quis...

— Não faz mal — interrompeu Hester. Queria dizer-lhe que se de vez em quando ele não tivesse atitudes assim tão corajosas e idiotas, que não seria o Tom que ela conhecia e que tanto amava. Mas como não era capaz de o dizer por palavras, empurrou-o para um espaço que havia debaixo da plataforma de suporte e após certificar-se de que ninguém estava a olhar, colocou os seus magros braços à volta do pescoço dele, baixou o véu e beijou-o. — Vamos embora.

— Mas ainda não temos carregamento. Não íamos tentar encontrar um mercador de peles ou...

— Aqui não há mercadores de peles, apenas de Tecnologia Antiga e não vamos começar a transportar esse género de coisas, pois não? — ele fez um ar inseguro e ela voltou a beijá-lo antes que ele pudesse dizer mais alguma coisa. — Estou farta de Airhaven. Apetece-me voltar às Estradas de Pássaros.

— Está bem — concordou Tom sorrindo e acariciando a boca de Hester, a face e o defeito no olho onde tinha a cicatriz. — Está bem. Já vi o suficiente dos céus do Norte. Vamos.

Mas não ia ser assim tão fácil. Quando chegaram à plataforma dezassete estava um homem à espera deles ao lado do *Jenny Haniver*, sentado em cima de um grande saco de cabedal. Hester, ainda irritada por causa da chacota de Masgard, escondeu o rosto novamente. Tom largou a mão dela e correu em direção ao estranho.

— Bom dia! — gritou o homem levantando-se. — Mr. Natsworthy? Menina Shaw? Presumo que sejam os donos deste pequeno e esplêndido dirigível? Bolas, tinham-me dito no escritório do atracadouro que eram jovens mas nunca pensei que fossem assim tão jovens! São praticamente umas crianças!

— Eu tenho quase dezoito anos — defendeu-se Tom.

— Não liguem, não liguem! — disse alegremente o estranho. — A idade não conta quando o coração é grande e tenho a certeza de que possuem um grande coração. Perguntei ao meu amigo Mestre da Doca quem era aquele rapaz tão bem parecido ao que ele me respondeu: «É Tom Natsworthy, piloto do *Jenny Haniver*.» *Pennyroyal*,

disse para comigo, *aquele rapaz poderá ser exatamente a pessoa de quem estás à procura!* E aqui estou eu!

E ali estava ele. Um homem baixo, careca e com um certo peso a mais, que usava uma barba branca aparada. As suas roupas eram as de um típico necrófago do Norte. Casaco de pele comprido, chapéu de pele, uma túnica cheia de bolsos, calções grossos e botas cobertas de pele. Mas pareciam roupas demasiado caras, como se tivessem sido feitas de propósito para ele por algum alfaiate conhecido como indumentária de alguma peça em cena nos Desertos Gelados.

— Então? — perguntou.

— Então o quê? — perguntou Hester para quem um só segundo tinha sido o suficiente para antipatizar com este estranho cheio de pose.

— Desculpe — respondeu Tom de forma mais educada. — Não estamos a perceber o que é que o senhor deseja...

— Ah, desculpem, perdoem-me — balbuciou o estranho. — Permitam-me explicar! O meu nome é Pennyroyal, Nimrod Beauregard Pennyroyal. Andei a fazer umas pequenas explorações por estas enormes e terríveis montanhas de fogo e agora estou de regresso a casa e gostaria de reservar um lugar a bordo do vosso adorável dirigível.